



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

JUVENTUDES, MÚSICA E CULTO: ONDE ENCONTROS ACONTECEM!

Youth, Music and Worship: places where meetings happen!

Soraya Heinrich Eberle¹

Resumo:

Há uma pergunta contemporânea, que corresponde ao desafio da Igreja por continuidade: como trazer (para) e manter os jovens no convívio comunitário? Partindo da percepção de que juventudes se constituem a partir de suas pertencas musicais, este artigo fala sobre o fazer musical com e dos jovens no culto contemporâneo, analisando pertinências, desafios e possibilidades práticas. O texto tem como base a tese doutoral da autora e apresenta os grupos de músicas como espaço para o envolvimento comunitário e litúrgico dos jovens.

Palavras-chave:

Juventudes. Música. Lutero. Culto. Protagonismo juvenil.

Abstract:

There is a contemporary question, which corresponds to the challenge of the Church of continuing to exist: how can we bring and keep young people in the community? Starting from the perception that youth are constituted by their musical belongings, this article has as subject the musical making with young people in contemporary worship, analyzing pertinence, challenges and practical possibilities. The article is based on a thesis which presents the musical groups as a place for liturgical and community involvement of young people.

Keywords:

Youth. Music. Luther. Worship. Youth participation.

Sobre conceitos, estigmas, senso comum e contextos

Há uma pergunta contemporânea que corresponde ao desafio da Igreja por continuidade: como trazer (para) e manter os jovens no convívio comunitário? Ao lado desta, poderíamos acrescentar: como e quanto adaptar linguagens e fazer compreensíveis ritos, celebrações e cultos

¹ Bacharel em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil, Mestra e Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS, Brasil. Coordenadora de Música da IECLB e responsável musical pelo Projeto Pedagógico Litúrgico Musical da Faculdades EST. Contato: soraya_heinrich@hotmail.com

aos jovens, considerados comumente “desenraizados” e “desvinculados”, embora “conectados” e “plugados”?

É muito provável que as dificuldades da Igreja e da sociedade como um todo em falar *para* as juventudes estejam relacionadas primariamente aos problemas no falar *sobre* juventude. O termo juventude em si não encontra unanimidade, pois se refere a um único grupo social, que não existe como tal, pelo menos em termos de unidade. Fatores contextuais e socioculturais acabam por determinar múltiplas facetas desse fenômeno juvenil². Por isso, optamos em utilizar o termo *juventudes*. Com isso, queremos reforçar conscientemente a necessidade de um olhar contextual. Juventudes – a quem nos referimos, quando usamos esta palavra?

“Juventude é o tempo da liberdade, de experimentar tudo, de buscar o prazer” – dizem uns. “Os jovens são difíceis. Colocam toda a família em função dos seus conflitos” – dizem outros. Há quem diga: “Juventude é o grupo que consome cultura. Sabem das últimas novidades”. Ou então: “Jovens são pessoas desregradas, em conflito com toda espécie de regras”. E, por fim: “Juventude é uma preparação para a vida. Os jovens são o futuro da Igreja! Os jovens são o futuro da nação”.

As falas acima elencadas são os estigmas carregados por essa turma que chamamos de jovens. No entanto, muito além de um “vir a ser”, uma problemática social, uma fase de desregramento ou de conflitos, ou menos ainda de uma visão romantizada e idealizada da juventude, esse período é determinado e construído socialmente, dentro dos contextos em que os jovens se inserem. A partir de sua realidade, constroem uma forma própria de serem jovens.

Grande parte das pessoas na faixa etária que consideramos como jovens vive, ainda hoje, em contextos de exclusão digital. O pensamento comum de que eles são “virtualizados” está longe da realidade; muitos ainda se encontram “desconectados”. Por outro lado, a maioria vive em contextos de vulnerabilidade. Ficar fora do mercado de trabalho e do mundo adulto, e violência e insegurança estão entre os maiores medos e desafios que tem a enfrentar. Porque o mercado exige cada vez mais preparo, novas profissões estão surgindo, e a violência contra os jovens engrossa as estatísticas.

São também os jovens os mais atingidos pelo mercado cultural (indústria cultural), que hoje oferece a cada jovem a impressão de ser diferenciado e distinto dos demais, através do acesso que lhes permite – à música, às informações e às novidades tecnológicas. Na identificação com um “estilo”, podem passar a pertencer a uma tribo urbana ou comunidade, as quais têm seus próprios códigos. Entre estes, o comportamento, a aparência, a moda, os acessórios, a música, a tecnologia e toda sorte de produtos vêm se somar – na identificação e no consumo. Aqui pouco podemos supor uma homogeneidade, mas diferentes tipos de acesso. A hegemonia da indústria cultural, nos tempos hodiernos, se dá antes pela multiplicidade possível de acessos do que pela homogeneização de ofertas e públicos. Tudo é acessível.

As mídias afetam também as formas contemporâneas de culto cristão, onde há uma aproximação dos padrões televisivos. A *performance* de pastores e ministros de louvor, o fator imagem, a comunidade no papel de plateia ou espectadora, o palco, entre outros fatores, aproximam o culto de um programa de auditório. Os jovens se identificam com o movimento *gospel*, porque este reproduz os padrões já conhecidos do mundo da mídia e da sociedade de consumo.

² DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes* – jovens construindo juventude na História. São Paulo: Loyola, 2003. p. 15.

No sentido religioso, em geral há entre os jovens uma resistência às instituições (por isso, são considerados *desvinculados*), mas não há falta de uma religiosidade pessoal e muito individual. Ainda assim, na maioria das religiões, como meio de reforço da identidade, jovens se envolvem com os segmentos mais fundamentalistas. Ao construir sua identidade, jovens se apropriam de símbolos e da música. E se associam com outros que “sentem como eles”. E aí a igreja encontra uma oportunidade de comunicar o Evangelho a essas pessoas.

Neste artigo, lançamos mão da música como meio de inserção das juventudes na vida comunitária. Partindo da percepção de que juventudes se constituem a partir de suas pertencas musicais, falaremos sobre o fazer musical com e dos jovens no culto contemporâneo, analisando pertinências, desafios e possibilidades práticas.

Pensar musicalmente a partir de Lutero, com vistas à contemporaneidade

A vida comunitária não se constitui de atores e espectadores. O ministério da Igreja é para ser trilhado e executado pela comunidade como um todo. Diferentemente do apregoado nas mídias. Com frequência, vemos padrões midiáticos importados para o espaço do culto e em consonância com a indústria cultural. Entre outros aspectos, podemos citar o imediatismo, o hibridismo de tendências, a *performance* pública (dos *atores* principais, que se constituem em *ídolos juvenis*, também no espaço religioso seja o músico, a banda, os ministros religiosos; enquanto o restante se constitui em massa espectadora), uma teologia voltada à experiência ou ao privado, e o consumo tecnológico.

Por outro lado, encontramos muitos cultos com caráter genérico, que servem a qualquer pessoa, em praticamente qualquer contexto – o que explica o crescimento dessas formas de culto, onde todos são peregrinos, migrantes, estrangeiros ou de fronteira. Pois muito daquilo que a tradição nos legou encontra-se em linguagem (inclusive simbólica) muito distanciada da maioria das pessoas, incompreensível para os *não iniciados*³. Então, a linguagem genérica responde mais imediatamente à expectativa.

Há algum paradigma para a utilização da música no culto? Carl F. Schalk⁴ abstrai, dos escritos de Lutero, cinco paradigmas principais: a música como criação e dádiva de Deus, como proclamação e louvor, como canto litúrgico, como canção do sacerdócio geral de todas as pessoas que creem, e como sinal de continuidade da Igreja una. Diante disso, em contrapartida à indústria cultural e midiática, como é possível trabalhar música com juventudes, em contexto comunitário, levando em conta tais paradigmas ancestrais? É possível?

A partir da reflexão sobre os paradigmas acima elencados, pode-se partir para práticas, inserindo-as nos assim chamados “grupos de louvor”⁵. Tais grupos são formados especialmente por jovens, constituindo-se espontaneamente nos contextos comunitários. Geralmente possuem formação semelhante a uma banda, com guitarra, violão, teclado, bateria, baixo elétrico e voz, entre outras possibilidades. São grupos responsáveis pela condução e acompanhamento do canto comunitário. Por isso mesmo, é relevante pensar a forma como farão sua inserção comunitária e

³ Aqui nos referimos aos espaços eclesiais de formação, como catequese, ensino confirmatório, culto infantil, escola dominical, discipulado, entre outros.

⁴ SCHALK, Carl F. *Lutero e a música: paradigmas de louvor*. Tradução de Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

⁵ Também chamados, em diferentes contextos, de ministério de louvor, grupo de louvor e adoração, grupo de canto, grupo de condução do canto, entre outros termos.

sua participação no culto comunitário. É necessário considerar, aqui, que a música forma os jovens para uma determinada teologia e vivência comunitárias. Mas também que os grupos que conduzem a música (inclusive os grupos de louvor) formam a comunidade para determinadas teologias e compreensões de culto e de vida comunitária.

Para trabalhar com tais grupos, sem perder de vista o legado teológico, e sem perder igualmente a perspectiva da contemporaneidade, sugerimos algumas práticas, que elencamos abaixo. Antes, no entanto, podemos ressaltar que tradição e contemporaneidade podem andar juntas e precisam se (re)conhecer, dentro da visão de Lutero frente ao novo e ao legado. Que visão era esta? O reformador era entusiasta do canto comunitário e defensor da qualidade musical e de conteúdo do repertório que surgia. Por isso, ser fiel a Lutero significa, na música, estar com os pés calçados na tradição, mas andar na contemporaneidade; ter ouvidos atentos ao que de melhor se oferece em termos musicais, porém também ao canto simples (mas não simplório) do povo.

Entre as práticas, queremos ressaltar a necessidade de compreensão de que o fazer musical é um **processo dinâmico**, tanto quanto a própria vida dos jovens integrantes dos grupos de louvor. Esta dinamicidade se dá nos diferentes papéis que eles desempenham, e que vão se modificando e ampliando; e também musicalmente isso ocorre. Se hoje tocam um instrumento, facilmente “migram” para outro. Mudam de papéis nos contextos familiares, profissionais e educacionais, constroem suas vidas para o futuro, fazem escolhas. Supor sempre, em todo o trabalho, o mesmo grupo, engessará e impossibilitará o trabalho em princípio.

Por isso, para as pessoas responsáveis pela liderança de tal trabalho, três movimentos são fundamentais: **intencionalidade, motivação e esperança**. A intencionalidade também como forma de adequar linguagens, de maneira a fazer conexões eficientes com os jovens.

Os jovens e os grupos são parte da comunidade e parte da vida comunitária. Se conduzem e acompanham o canto comunitário, são também **corresponsáveis** pela vida litúrgica da comunidade. Para tanto, sugere-se realmente um trabalho integrado e dialogal, com vistas à **formação de protagonistas** – esta, sim, uma forma de superar a influência da indústria cultural. Pois os jovens estarão fazendo, vivendo e aprendendo. A relevância desta modalidade de participação dos jovens está nas possibilidades litúrgico-teológico-formativas.

Por ser comunidade cristã, sugere-se uma experiência de **grupo aberto** – onde todos podem participar, desde que assumam as responsabilidades do grupo para si. Dentro de tal perspectiva, não haverá a possibilidade de protagonismo (ou de atuação, se nos reportássemos novamente aos padrões midiáticos) somente para algumas pessoas, mas todas que quisessem poderiam participar e atuar. Ou seja, o resultado final sairia do foco, para centrar-se no processo de inclusão de mais pessoas. Porque tal processo demanda tempo, reinícios constantes (dentro da ideia de espaço dinâmico) e generosidade em partilhar conhecimentos, dentro do grupo.

Uma forma de inserção é partir da premissa de que **todos cantam**. Partir da preparação vocal e da aprendizagem do canto abre também a perspectiva de integralidade, do ser humano inteiro – pois todo o corpo canta, bem como a razão e a emoção. Por outro lado, o grupo serve de modelo vocal à comunidade reunida; por isso, é necessário investimento no desenvolvimento vocal.

Esta perspectiva integral e integradora possível através da voz também se refere ao aspecto da **identidade** individual, que é construída no grupo. Ao levantar a sua voz, cada pessoa tem a possibilidade de fazer florescer sua identidade, aquilo que a faz única, pois voz é isso. Mas

está, também, trabalhando sua inserção numa identidade coletiva, do grupo, de toda a comunidade, e com isso se colocando numa perspectiva de comunhão, de unidade na diversidade.

E, por ser a voz identidade, também aí se faz necessário atentar para a perspectiva do **cuidado mútuo**. Pode ser tarefa do grupo formar para a solidariedade e ressaltar a interdependência – tanto dos participantes do grupo entre si, quanto com a comunidade como um todo, e com a Igreja una, como enfatizado por Lutero.

Quando estas perspectivas são observadas, o ensaio não é mais ensaio, simplesmente. Pode-se denominá-lo de **encontro-ensaio**. Pois ele passa a ter características de ensaio, mas também aquelas dos outros grupos comunitários não voltados à música, como grupos de jovens, encontros com crianças, estudos bíblicos e outros.

Estes grupos possuem uma tarefa tripla dentro do culto: de **acompanhar, ensinar e dirigir** o canto comunitário. Para que isto ocorra de forma eficaz, é necessário tematizar com o grupo a **participação efetiva da comunidade** no canto comunitário. Pois estas três tarefas são para ser executadas **com** a comunidade, e não em lugar dela nem para ela (a música vista como canção do sacerdócio geral de todas as pessoas que creem, ou como voz do povo na liturgia). Isso implica fazer estudos aprofundados sobre amplificação do som e utilização dos instrumentos, sobre a primazia da voz, e mesmo sobre a postura, a localização espacial e o comportamento do grupo. São perguntas que não têm respostas prontas, mas que requerem discussão ampla dentro do grupo, dentro de uma perspectiva de trabalho dialogal – mais que jovens autômatos, que cumprem ordens preestabelecidas, ao procurar formar protagonistas, é necessário o tempo e a coragem da reflexão. Lembrando sempre que, se a música está no culto primordialmente para a glória de Deus, tanto ela quanto os musicistas precisam apontar para além de si – para o próprio Deus.

Também o **repertório** está inserido nessa mesma discussão. Porque o mercado oferece vasto repertório, geralmente descartável, onde pouco subsiste. E a pergunta pela adequação teológica e musical do repertório, bem como dos arranjos executados pelos grupos, pode ser inserida de tempos em tempos. Quem sabe possa ajudar, frente ao repertório que surge, a pergunta: “para que e por que a comunidade deveria cantar esta música?”. Novamente, esta é a oportunidade de reflexão preciosa, na formação de pessoas jovens críticas frente ao que lhes é oferecido.

Teologia está na forma e no conteúdo, sendo que nesse último é mais evidente. Mas também as escolhas do grupo, referentes à utilização de um ou outro espaço ou tempo dentro do culto, são escolhas teológicas. Se o altar se torna local de apoio de microfones, por exemplo, isso “fala” sobre as compreensões litúrgico-teológicas da comunidade. Se o púlpito ou a pia batismal precisam ser retirados para a colocação dos instrumentos, isso “fala” de escolhas litúrgico-teológicas daquela comunidade. Essa linguagem espacial também “forma” a comunidade. Da mesma forma, com a estrutura do culto. Quando há, no repertório escolhido, uma polarização temática (geralmente, temos visto a predominância de repertório doxológico e escatológico, em detrimento de outras temáticas), isso “fala” das ênfases teológicas da comunidade.

Por fim, por ser a música propícia à **avaliação processual**, sugere-se que esta mesma prática seja inserida na condução do próprio grupo – já que os jovens também procuram uma perspectiva de reversibilidade, de reopção; o grupo pode, de forma dinâmica, avaliar processualmente sua existência e sua pertinência na vida comunitária.

Trabalhar com as juventudes, de forma contextualizada, de acordo com as práticas acima, pode ser uma possibilidade bastante rica de inserção das mesmas na vida comunitária. E também de permanência, pois, à medida que vão crescendo na corresponsabilidade com a vida de culto, os jovens vão construindo e ocupando espaços relevantes não somente para o futuro, pois já estão vivendo aqui e agora.

Referências

DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes* – jovens construindo juventude na História. São Paulo: Loyola, 2003.

SCHALK, Carl F. *Lutero e a música: paradigmas de louvor*. Tradução de Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

[Recebido em: abril de 2012 /
Aceito em: junho de 2012]